
Os Beatles como produtores de identidade: uma análise a partir do grupo beatlemaníaco

Renata Oliveira dos Santos

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná

Grazielle Tagliamento

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social Comunitária da Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

Esta pesquisa buscou analisar como se dá a produção de identidade do grupo beatlemaniaco. Esse processo de produção de identidades proporciona a formação de grupos, os quais, por meio da identificação com a banda, podem produzir o sentimento de pertencimento a uma comunidade. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com fãs que se denominavam beatlemaniacos e residiam no Brasil. Foram entrevistadas 5 pessoas, sendo que duas eram pessoas que já na década de 1960 se identificavam enquanto beatlemaniacas, e três eram pessoas que nasceram após o fim da banda The Beatles e que se identificavam como beatlemaniacas nos dias atuais. Conclui-se que o fenômeno beatlemania influenciou e ainda influencia a vida dos jovens tanto da década de 1960 quanto da década de hoje. Esses jovens se identificam como beatlemaniacos, possuindo uma identidade grupal, trazendo para si a significação do que é ser fã dessa banda dentro do contexto social em que se está inserido.

Palavras-chave: Identidade. Beatlemania. Identidade grupal.

Abstract

This research sought to analyze how is the production of identity beatlemaniac group. This identity production process provides the formation of groups, which, by identifying with the band, can produce the feeling of belonging to a community. Semi-structured interviews were conducted with fans who called themselves beatlemaniacs and resided in Brazil. We conclude that the Beatlemania phenomenon influenced and still influences the lives of young people both in the 1960s as the decade today. These young people identify themselves as beatlemaniacs, having a group identity, bringing to you the significance of being a fan of this band within the social context in which it is inserted.

Keywords: Identity. Beatlemania. Group identity.

Esta pesquisa buscou analisar como se dá a produção de identidade do grupo beatlemaníaco. Partiu-se do pressuposto de que a banda britânica The Beatles exerce um papel de dispositivo¹ (Foucault, 1999) que produz práticas discursivas, que são produtoras de identidades. Esse processo de produção de identidades proporciona a formação de grupos, os quais, por meio da identificação com a banda, podem produzir o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

Os fãs da banda The Beatles foram intitulados pela mídia da época como beatlemaníacos, pois possuíam um intenso frenesi, euforia e histeria demonstrada principalmente por garotas e adolescentes, que idolatravam a banda, como pode ser visto até mesmo em DVDs gravados. Os fãs moldavam as suas vidas de forma a seguirem o estilo da banda (Veja, 1964).

O contexto da época, juntamente com a contracultura, modificou o pensamento desses jovens

¹ Dreyfus e Rabinow (1995, p. 135) sugerem que o dispositivo diz respeito às “práticas elas mesmas, atuando como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e os organizando”, uma vez que regula os seus modos de vida.

e formou um grupo de jovens que eram denominados pela mídia de beatlemaníacos. A contracultura é um termo criado pela indústria norte-americana na década de 1960 para designar um conjunto de novas manifestações culturais que surgiam na época não só nos Estados Unidos, mas em vários países, principalmente na Europa e na América Latina, porém com menor intensidade (Pereira, 1992). A contracultura ocorreu com manifestações que se opunham às culturas vigentes da época, sendo uma anticultura. Os jovens da época estavam manifestando contra as ditaduras e as guerras que estavam acontecendo, lutavam por paz e igualdade.

Segundo Pontarolo (2009), depois do término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), houve uma grande mudança no cenário político/econômico, no qual os Estados Unidos, por volta de 1950, assumiram a ponta da economia mundial capitalista. Pontarolo (2009), ao citar o historiador Eric Hobsbawm, afirma que o cenário pós-guerra apontaria a dominação do modelo liberal americano. Assim, no período de 1953 a 1973, os países centrais do capitalismo teriam o “sucesso econômico”. Esse novo cenário mundial foi denominado por Hobsbawm de “Era do Ouro”, pois esse modelo revigorou o capitalismo, através da globalização e da internacionalização da economia.

O contexto histórico e a chamada indústria cultural, de certa forma, promoveram a formação de novas identidades, como afirma Hall (2003), além de massificação cultural, em específico a expressão musical Rock and Roll, propagando grupos musicais como os Beatles a serem símbolos de determinado comportamento da época, seja ele considerado desviante ou não.

O gênero musical Rock surgiu nos Estados Unidos por volta de 1950, fortemente influenciado pelos gêneros musicais considerados “música de raiz”, como o Blues, o Folk, o Country etc. Esses gêneros musicais, geralmente, eram tradicionais de comunidades pobres, como dos agricultores, além de serem passados de geração a geração. Contudo, baseado nessa “música de raiz”, o Rock se consolidou anos depois, movimentando uma forte indústria do entretenimento, além de influenciar gerações. O Rock na Inglaterra, a casa dos Beatles, obteve contornos específicos, pois os jovens de classe média eram em sua maioria operários dos centros industriais de Liverpool e Merseybeat, sendo assim, essa música se tornou uma forma de expressão para os jovens britânicos falarem de questões sociais (Lima Filho, 2010).

Krüger (2010), ao citar Hobsbawm, destaca que os jovens em 1968 não queriam apenas se isolar da sociedade, mas queriam destruí-la; além de mencionar

os efeitos de 1960 em torno dos novos sujeitos. Ao citar Hall em seu artigo, Kruger (2010) diz:

Tal processo seria decorrente, segundo Hall, da erosão da identidade de classe e da consequente emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos. (p. 139).

Considerando todas as especificidades da década de 1960, podemos destacá-la como uma época onde predominava, segundo Kruger (2010), “a irracionalidade que articula totalitarismo político e massificação cultural como as duas faces de uma mesma dinâmica.” (p. 141).

A importância da banda Beatles, no entanto, não ficou restrita a esse período, transpondo-se para as gerações atuais. Pode-se dizer que atualmente ainda existe a beatlemania, porém não com o mesmo frenesi da década de 1960, onde fãs desmaiavam ao estarem presentes em um *show* do *Fab Four*, apelido dado à banda britânica pelos fãs, que pode ser traduzido como “quarteto fantástico”. Mas, a identificação com a banda ainda ocorre, apesar de 50 anos depois. Provas de que a beatlemania ainda continua viva são os inúmeros *covers* da banda, que quando se apresentam possuem um público altíssimo; os *shows* de um ex-Beatle, como os de Paul

McCartney, lotam os estádios em todas as suas visitas no Brasil e em outros países. Há depoimentos de pessoas no *show* de 2010, no estádio Maracanã do Rio de Janeiro, como: “É como se estivéssemos nos anos 1960, no auge da Beatlemania”, que demonstram o quanto a banda ainda influencia as novas gerações (Silva, 2011).

Ainda hoje, acontece um festival todo mês de agosto em Liverpool, cidade onde os Beatles cresceram, chamado Beatleweek, onde acontecem *shows* de bandas *covers* e exposições de inúmeras coisas da banda, como fotos, discos, fitas, objetos raros etc. Durante esse festival, fãs se encontram para celebrar e relembrar as músicas dos garotos de Liverpool. Também em outros países, como Brasil, acontecem encontros em homenagem à banda, principalmente em Belo Horizonte e Salvador, em que alguns artistas são convidados para interpretar músicas do quarteto, como Lenny Kravitz e Arctic Monkeys. Santos (2006, p. 25), ao citar Filardo (2002), diz que:

A apropriação, ou as maneiras pelas quais os jovens significam os espaços, estreita as relações entre os membros dos grupos, proporciona a construção de símbolos que ‘corpórizam’ esses grupos e produzem certa ‘homogeneização interna’ dos agrupamentos, ou seja, possibilitam que se instaurem marcas de diferenciação em relação aos ‘outros’.

Diante desse contexto, a banda Beatles e a própria música como um todo têm grande influência na produção de identidades e formação de grupos entre os jovens. Contudo, ao se fazer um levantamento na base de dados Scielo, utilizando os descritores “Beatles” e “beatlemania”, foi localizado apenas um artigo científico nacional, o qual abordava a influência das letras dos Beatles na produção de sentidos e identidades, fazendo uma leitura das músicas *Strawberry Fields Forever* e *Penny Lane* (Garcia, 2011).

Diante de tal importância e da escassez de produção científica sobre o assunto, este estudo teve como principal objetivo compreender a expressão musical, especificamente o estilo Rock and Roll e a banda britânica Beatles como possíveis formadores de identidades – as beatlemánias. Além disso, pretendeu-se entender como a banda britânica influenciou as práticas dos jovens da década 1960 e dos da década de 2010; e compreender os diferentes significados que há em ser beatlemaníaco na década de 1960 e na década de 2010.

Os Beatles e as identidades

Ao fazer uma breve pesquisa a respeito dos pressupostos teóricos acerca do tema a ser trabalhado na presente pesquisa, identidade pode ser definida

como algo que é produzido social e culturalmente, por meio das relações estabelecidas entre as pessoas em uma determinada época histórica e ao longo sua trajetória de vida.

Segundo Bauman (2005),

... a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (p. 22).

As identidades são produzidas por meio das socializações que a pessoa vai tendo ao longo de sua vida. Segundo Paiva (2012, p. 46), “ao mesmo tempo em que produzem a trajetória, a socialização e a sociabilidade de cada pessoa ao longo da vida, as interações salientam a presença de cada pessoa como sujeito, como “agente-ativo”. Dessa forma, não é determinada, não perdemos, é algo que se constrói e modifica o indivíduo, sendo singular em cada um. É basicamente aquilo que se é. O indivíduo é um produto do meio social, ou possui características sociais que o cercam, sendo concebidas individuais, as pessoas dão sentido às experiências vividas (Paiva, 2012).

No que diz respeito à identidade na chamada pós-modernidade, pode-se citar Stuart Hall (2006), que destaca a seguinte tese:

As velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim a chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocado na estrutura e processos centrais nas sociedades modernas e abalando os quadros de referência que devam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (p. 7).

Partindo desse pressuposto, o autor procura em seus argumentos explorar algumas questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia, além de verificar se existe uma “crise de identidade”, ou seja, apontar a causa e novos caminhos. Nessa obra, é interessante apoiar-se no argumento de que as identidades modernas são fragmentadas, além da categorização que o autor realiza sobre três concepções de identidade: sujeito do iluminismo; sujeito sociológico; e sujeito pós-moderno. Utilizando de tais argumentos, pretende-se neste projeto relacionar o sujeito e a identidade, na concepção da pós-modernidade de Hall, assim contextualizando com o período de 1960 e suas particularidades.

Lisiani Santos (2006) propõe que a identidade não é algo fixo e nem possui uma essência, “o indivíduo pode ocupar diversas posições de sujeito, inclusive nas suas identidades musicais.” (p. 23). No caso de um beatlemaniaco, ao criar sua identidade e se estabelecer com esse nome, o indivíduo poderá gostar de Beatles, como também de Rolling Stones, banda britânica da mesma década de Beatles. Possuir uma identidade de beatlemaniaco não o impede de gostar de outros gêneros ou até mesmo de outras atividades. O sujeito pode ser um empresário, médico, advogado, possuir uma identidade de qualquer uma dessas profissões, como também pode possuir a identidade de um beatlemaniaco, um roqueiro.

Santos (2006), ao citar Frith (1997), diz que “a música não pode ser entendida apenas como um reflexo dos sujeitos, dos povos, das culturas, mas sim como também produtora dos sujeitos, podendo criar experiências diversas.” (p. 23). Para os jovens dos anos 1960, os Beatles modificaram a vivência de cada um, a banda influenciou e ali produziu sujeitos ditos como beatlemaníacos, a euforia não teria acontecido se não fossem os garotos de Liverpool. É um processo em que o indivíduo sente por ele mesmo, podendo perceber todo o contexto da música, sentindo a letra como se fosse de sua própria vida. Segundo Santos (2006, p. 24), devemos considerar que “a música

também age como ‘produtora’ dos sujeitos e de que as identidades estão em constante movimento, é pertinente pensarmos em como tais noções se entrelaçam com as distintas maneiras de ser jovem e viver as juventudes contemporâneas.” Sendo assim, a música possibilitará o processo de identificação dos sujeitos, como, neste caso, a música do grupo britânico, que influenciou os jovens, juntamente com o contexto social da época, em que para eles os Beatles cantavam uma nova forma de viver e olhar o mundo.

De acordo com Araújo (2004, p. 103), “nas sociedades contemporâneas, os jovens andam em bandos pelo espaço urbano em busca de diversão e prazer, de paixão e adrenalina, de afetividade e cumplicidade,” o que Mafessoli (1987) definiu como neotribalização da sociedade. Os jovens se juntam, como sendo um só, por um só objetivo, possuindo valores, regras, referências de identidade, assim formando opiniões, organizando “formas de sociabilidades, criando códigos e referências identitárias.” (Araújo, 2004, p. 103). Os jovens da sociedade contemporânea atribuem significados para as músicas que escutam, destacando uma importância, a busca do prazer, da diversão e formas de relacionamento.

O autor pontua que o jovem está em busca de “construir suas redes de solidariedade e saciar suas necessidades de pertencimento a um espaço, podendo

expressar e recuperar memórias, afetos e ritualidades simbólicas.” (p. 104). Essa busca de afirmação de identidade motiva o jovem a conhecer o seu grupo e a participar ainda mais. Mafessoli (1987, p. 100) cita que “a busca ostensiva por essa sensação de pertencimento, pela autoafirmação da subjetividade e pelo afeto comunitário assinala a tribalização das sociedades contemporâneas.” Isso desestabilizou antigas formas estabelecidas de identidade e cultura. Segundo Mafessoli (1987, p. 100), “em consequência da exacerbação do individualismo e da massificação, ocorreu o desenvolvimento de microgrupos, as tribos que abriram espaços para comportamentos fortemente expressivos e autoafirmativos.” Desse modo, o mundo contemporâneo é feito de grupo tratado em massa, podendo às vezes esquecer a singularidade de cada um, pois a partir da singularidade de cada indivíduo construíamos um grupo.

Para Araújo (2004, p. 105), “tribos é apenas um estereótipo que promove a homogeneização de universos distintos, e em vez de descrever, explicar e revelar as realidades e situações vividas pelos jovens encobre as formas de desenvolvimento das subjetividades e sociabilidades juvenis.”

Burrows (2012, p. 9), no livro *Tesouro dos Beatles*, apresenta uma entrevista feita com o primeiro empresário dos Beatles, Brian Epstein, em um dos *shows*

que foram feitos em um bar em Liverpool, o *Cavern Club*. Brian disse:

Aquilo foi uma completa novidade para mim. Fiquei pasmo com o ambiente frio e úmido do Carven, eles (Beatles) estavam um tanto malvestidos, e a apresentação deixou um pouco a desejar. Apesar disso tudo, no entanto algo extraordinário suplantava tudo o mais. Eu fiquei fascinado com a música, com o ritmo, com o senso de humor deles no palco, e depois quando fomos apresentados, novamente fiquei impressionado com seu charme pessoal. Foi ali, que tudo começou.

Realmente, ali, os Beatles haviam mostrado todo o seu charme, que iria conquistar o mundo durante seus sete anos de carreira. Para Burrows (2012, p. 22), “os Beatles se caracterizavam pelo estilo de corte de cabelo e pelo modelo de terno abotoado e sem gola que usavam.” Sem dúvidas, eles deixaram a sua marca, diante de tudo que estava ocorrendo na década de 1960, como também o som que realizavam cada vez que se apresentavam era diferente de tudo que havia naquela época, apesar de sofrer bastante influência musical, como do famoso Elvis Presley, que havia feito sua carreira uma década antes.

Ou seja, “o som que eles produziam também era diferente... E ficou claro, a partir da apresentação no programa de TV, que esse recurso tinha um forte impacto no público adolescente – parecia fazer que as

meninas gritassem ainda mais alto!” (Burrows, 2012, p. 22). Eles modificaram os pensamentos da época, roupas, cortes de cabelos e o comportamento da juventude da época, dando início a uma nova década. Através da banda Beatles, os jovens tiveram palavra, pois as letras das músicas apresentavam o que muitos queriam mostrar ao mundo.

Segundo Burrows (2012), quando o segundo álbum dos Beatles, *Please Me*, alcançou o primeiro lugar nas paradas de sucesso, foi “a primeira vez que alguém levava a sério a música jovem, e foi um importante incentivo para legitimar o que estava acontecendo no pop e no rock.” (p. 7).

O dia 13 de outubro de 1963 pode ser considerado como o dia do surgimento da beatlemania (Burrows, 2012). Nesse dia, o grupo participou de um *show* no *London Palladium*, levando a manifestações exacerbadas de fãs. A mídia nomeou essas manifestações de beatlemania. Nessa apresentação, a banda conseguiu tocar apenas duas músicas, toda a rua foi cercada por fãs que não paravam de gritar, e assim a banda quase não conseguiu fazer a passagem do som. Na saída, o grupo quase foi esmagado pela multidão. No outro dia, em todos os jornais estava descrito o acontecimento do dia anterior e, após isso, segundo Burrows (2012, p. 19), “todos procuravam pela banda britânica e seu som que levava os fãs a loucura.”

Com isso, a música foi levada para ser apresentada no *Royal Command Performance*, diante da rainha Elizabeth e da princesa Margaret, juntamente com uma seleção dos melhores astros de Londres. A música dos Beatles estava expandindo cada dia mais, assim passando a ser escutada por jovens de todo o mundo, formando a beatlemania, que já havia sido exposta na própria Inglaterra, descrita como fãs da banda britânica que apresentavam uma euforia e descritos pela mídia da época como fãs histéricos (Burrows, 2012). Apenas em 1964, o sonho dos garotos de Liverpool fora realizado, que seria o sonho americano. Ao ver a banda britânica no meio de uma explosão beatlemaníaca, com as músicas em todas as paradas da rádio, decidiram convidá-la para o programa de Ed Sullivan. Segundo Burrows (2012, p. 22),

Brian e os Beatles ficaram estupefatos quando desembarcaram nos Estados Unidos e se depararam com um verdadeiro enxame de fãs histéricos, repórteres, equipes de TV e uma força policial de 100 homens tentando manter toda essa multidão sob controle. De um momento para o outro, o país inteiro ficou conhecendo os Beatles.

Esse frenesi dos fãs havia saído da Inglaterra e percorrido os EUA, voltando os olhos do mundo inteiro sobre a banda, sendo o seu maior público os jovens. Assim chegou a beatlemania aos EUA.

Diante do exposto, pode-se considerar que os fãs dos Beatles passaram a se identificar enquanto um grupo, com discursos e práticas similares, podendo, assim, ser analisado o fenômeno da beatlemania do ponto de vista psicossocial.

Método

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com fãs que se denominavam beatlemaníacos da cidade de Curitiba/PR e Paraíso do Norte/PR. Foram entrevistadas cinco pessoas, sendo que dois fazem parte dos jovens beatlemaníacos da década de 1960 e três são jovens fãs nos dias atuais. No Quadro 1, é apresentada uma caracterização dos entrevistados.

Quadro 1 – Caracterização dos entrevistados.

Nome ¹	Idade	Sexo
Lízio	20 anos	Masculino
Rodrigo	24 anos	Masculino
Mário	36 anos	Masculino
Paula	60 anos	Feminino
Miguel	62 anos	Masculino

Os sujeitos de pesquisa foram localizados a partir da rede social da pesquisadora e de *sites* específicos de beatlemaníacos. Eles foram convidados a participar da pesquisa e aqueles que aceitaram participar voluntariamente receberam um termo de

consentimento. Esse termo constitui em autorizar gravações de cada entrevistado para que os dados possam ser utilizados na análise de dados. Assim foram entrevistados presencialmente quatro entrevistados que residiam em Curitiba/PR e uma entrevista foi realizada via internet com o que morava em Paraíso do Norte/PR.

Foi utilizada a análise de conteúdo como ferramenta para a análise dos dados. A análise de conteúdo é uma ferramenta que facilita a compreensão do significado e sua construção, mostrados através do discurso pelos atores sociais, apresentando diante de suas relações sociais e o que faz os significados à sua volta (Silva, 2004).²

As categorias de análise foram estabelecidas após uma primeira leitura do material obtido por meio das entrevistas, sendo estas: ser beatlemaníaco; e identidade grupal entre beatlemaníacos.

Resultados e discussão

Ser beatlemaníaco

Utilizando o ponto de vista dos entrevistados, pode-se perceber que os mesmos se identificavam muito com a banda, podendo levar essa identificação

² Os nomes utilizados são fictícios, a fim de preservar a identidade dos entrevistados

como referência no seu dia a dia. Para os autores Maheirie e Hinkel (2011), “a apropriação musical, por sua vez, é aqui entendida como um movimento de conversão do coletivo em singular que pressupõe um lugar cocriador do sujeito-ouvinte” (p. 390), ou seja, através de uma música, ou um grupo musical em que se inspira, o sujeito ouvinte traz aquilo que é coletivo para seu singular, seu modo de vida e tudo aquilo que lhe faz parte, trazendo um sentido para si da música que é ouvida. Nesse sentido, cada entrevistado apresentou os motivos para se identificarem enquanto beatlemaníacos:

Me identifico muito com as músicas, desde que eu conheci Beatles, já, desde criança, eu gosto das músicas. (Lizjo, 20 anos).

Porque é uma coisa que, uma mania que a gente gosta, curti a vida inteira e vai curtir sempre né, e sempre é uma inspiração na vida, durante o tempo que a pessoa fica no dia a dia. (Mário, 36 anos).

Porque eu acho os Beatles, talvez a banda mais influente da história do rock na droll e da música pop como um todo. (Rodrigo, 24 anos).

Porque eles foram a minha primeira paixão, foi quando eu comecei a despertar pra vida e eu fui ouvindo as músicas dele, acompanhando a vida deles. (Paula, 60 anos).

Embora tenhamos muitas dificuldades, mas ainda me lembro da minha infância e juventude, lá em Porto Rico, estado do Paraná, onde curtíamos as músicas dos Beatles, gritando, pulando e nos espremendo nos pequenos lugares onde eram tocadas as músicas que nos são inesquecíveis. (Miguel, 62 anos).

Nota-se que a banda The Beatles traz muitos sentidos e significados para a vida dos entrevistados, tanto para os da década de 1960 quanto para os da década de hoje. Essa apropriação se dá pelo fato de se identificarem com a banda e seus integrantes, trazendo para si influências que a banda pode passar durante todos esses anos. A pessoa que se diz beatlemaníaca tende também a ter uma identidade vinculada ao consumo dos produtos dos Beatles, estando diretamente ligada à indústria cultural.

Bauman (2005) elabora a ideia de que vivemos na chamada modernidade líquida, um período vinculado às transformações que se deram principalmente no século XX. A chamada modernidade sólida está vinculada ao período de produção, período das revoluções industriais, formação dos estados nacionais e à ideia de identidade coletiva. Já na modernidade líquida o período está vinculado ao consumo das produções do período anterior (a minimização de tempo e espaço, a identidade individual), principalmente o seu grande marco que é o indivíduo. Como afirma Bauman (2003),

... ter e apresentar em público coisas que portam a marca e/ou logo certos e foram obtidas na loja certa é basicamente uma questão de adquirir e manter a posição social que eles detêm ou a que aspiram. A posição social nada significa a menos que tenha sido socialmente reconhecida. (p. 21).

Os indivíduos do mundo líquido moderno se diferenciam dos períodos anteriores da história, os mesmos procuram construir e manter referências de “identidade em movimento”, buscando se juntar aos grupos igualmente móveis e velozes que eles seguem. Como diz Bauman (2005), “construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo”. O autor analisa a individualização desse período, destacando a indiferença que essas pessoas transpassam nas suas vidas.

Podemos utilizar desse exemplo no caso do indivíduo que se autointitula como beatlemaníaco, pois na modernidade líquida a identidade dos indivíduos está ligada com a ideia de consumo e a ideia de mudança. Nesse mundo que se move em alta velocidade e em constante aceleração, as oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, uma identidade do século passado (rígida) não funciona mais, pois o multiculturalismo está vinculado ao século atual. A busca por uma identidade vem do desejo de segurança, pois na modernidade líquida tudo é passageiro e inseguro. O indivíduo vive livremente e flutuante, ele não possui mais responsabilidade de uma identidade fixa, identificar-se com uma identidade, por exemplo, beatlemaníaco significa dar “segurança” a um destino desconhecido na vida das pessoas que vivem nesse período líquido. Nesse mundo de individualização em excesso, as identidades

aparecem como “soluções” ambíguas, elas trabalham entre a segurança e a liberdade. Nesse período a identidade opera em níveis diferentes de consciência. Segundo Bauman (2005),

Num ambiente de vida líquido-moderno, as identidades talvez sejam as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da ambivalência. É por isso, diria eu, que estão firmemente assentadas no próprio cerne da atenção dos indivíduos líquidos-modernos e colocadas no topo de seus debates existenciais. (p. 22).

Maheirie e Hinkel (2011), ao citarem Frith (1987), dizem que a música é uma “possibilidade para o sujeito compreender a si mesmo, ajudando-o a responder a questões de identidade singular e coletiva e produzindo simultaneamente sua autodefinição pessoal e seu lugar na sociedade.” (p. 391). Para os entrevistados, os Beatles trouxeram uma identificação, tanto por ser um grupo musical quanto por se identificarem por um integrante. Quando perguntado por que se identificavam com determinado integrante da banda, disseram a mesma justificativa, como: “*porque eu me identifico com ele, me inspiro nele*” e assim por diante. Por meio dessas identificações, eles possuíam um lugar, uma identidade de beatlemaníaco, pois os mesmos se consideravam assim e procuravam se encontrar com

pessoas que também se consideravam beatlemaníacos para conversarem.

Nesse sentido, Maheirie e Hinkel (2011) ressaltam que “é justamente esta dialética entre o social e o singular que levou Vigotski (1970/1999) a considerar a arte como ‘uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser.’” (p. 315).

A partir da perspectiva dos entrevistados, podemos ver que a música, melodia, estilo de vida, ritmo da banda The Beatles, juntamente com a contracultura que acontecia na época, influenciaram os sujeitos entrevistados que participaram da década de 1960, assim tornaram essa identidade grupal, porém cada um tem uma diferença, pois parte do singular para o coletivo. Segundo os autores Maheirie e Hinkel (2011), “é uma unificação contraditória, pois, apesar de diferentes, eles constituem uma totalidade dialética: um contém o outro e não existe sem ele.” (p. 391).

Os beatlemaníacos da década de 1960 acreditavam que os Beatles foram a primeira paixão da vida, o que pode definir é que existia uma histeria na época, pois todos gritavam, pulavam, e se espremiavam em lugares pequenos para ouvir músicas dos Beatles. Para eles, era importante até mesmo um filme que passasse no cinema, pois realizavam muitos sacrifícios para assistir

ou ouvir uma música dos Beatles, como diz Paula e Miguel:

Ter o Beatles como a primeira paixão e acompanhar a vida deles. (Paula, 60 anos)

Gritar, pular, espremer em lugares pequenos e escutar as músicas que eram inesquecíveis. (Miguel, 62 anos).

Enquanto os beatlemaníacos da década de hoje, acreditavam que é um gostar mais saudável, pois se identificavam com a banda, com os integrantes e seu jeito de viver, se tornando uma mania.

Eu acho que não, eu acho que é uma idolatria saudável e racional (risos)... É uma mania de gostar de Beatles. (Rodrigo, 24 anos).

Se identificar com as músicas, gostar das músicas. (Lizão, 20 anos).

Para Maheirie e Hinkel (2011), uma relação dialética é como uma relação que traz uma relação estética, entre sujeito e objeto, onde se considera que ambos são constituídos tanto pelo singular quanto pelo social. Segundo os autores, “o sentimento social que é oportunizado pela vivência estética é constitutivo do próprio objeto estético, pois, se desconectada de suas origens sociais, a relação estética existe apenas como potencialidade.” (p.391). Cada um se apropria da música de um modo, porém no geral todos pensam da mesma maneira, todos afirmaram que os Beatles influenciavam em seu cotidiano.

Quando perguntado a eles se existia influência em seu dia a dia, todos responderam que sim. Para os da década de 1960, ouvir a música da banda em um dia triste podia mudá-lo. Para eles, os Beatles ensinaram um modo de vida diferente, com muito mais amor, esperança e um mundo cheio de mudanças:

Como professor, procuro entender meus alunos em suas atitudes de mudar o mundo sendo diferentes de quem vive aqui no momento, vendo sempre muito a frente de todos, serviu para que eu me lembro do que fomos (e alguns amigos) sofrendo discriminação por sermos contra a guerra inútil, a destruição da natureza, logo a nossa própria destruição. Aprendi também a ter atitude diante das injustiças sociais e a falta de crença que para mudar não basta apenas torcermos para tudo acontecer. É preciso fazermos parte das mudanças. (Miguel, 62 anos).

Ah eu acho que sim, porque se eu não to bem, eu to triste, eu to com algum problema eu ouço as músicas deles, me relaxa, me da paz, me transporta pra um tempo feliz, me transporta pra minha adolescência, pro meus amores juvenis, para os meus amigos de adolescência. (Paula, 60 anos).

Para os da década de hoje, os Beatles também servem como influência no dia a dia, no modo em que vivem, proporcionando muito mais harmonia em um dia triste, muito mais amor e esperança. Um músico dessa década também utiliza a banda como exemplo em seu trabalho, como um artista plástico utiliza retratos dos Beatles em seu trabalho:

Existe, tipo teve um tempo que eu botava 'Here comes the sun' como despertador de celular, porque eu achava que se você acordava num dia ensolarado com essa música, você pensa, hoje vai ser um dia maravilhoso, meu deus, como é bem influenciado... (Lizjo, 20 anos).

É, assim, eu no meu dia a dia é eu sempre fico repetindo às vezes uma música, aí repetida vezes outra música dos Beatles, repetidas vezes todos os dias. Realizar trabalhos de artista plástico. (Mário, 36 anos).

No dia a dia eu acho que sim, os Beatles têm aquela pira que eles falavam a palavra LOVE durante as músicas deles tipo, 500 vezes, sei lá, centena de vezes. Se a gente se identifica muito com uma música é porque ela de alguma maneira se relaciona com a gente né... e eu acho que eles musicalmente tentam passar alguma coisa que pra mim é muito significativa, se faz concreto tipo, sei lá, tem interesses em comum... então não é só a música né, a música é o que toca mais fundo, mas tem várias outras coisas que são afinidades entre o que eu penso e o que eles pensavam nos anos 60. (Rodrigo, 24 anos).

Podemos perceber que todos os entrevistados acreditavam que a banda poderia mudar seu dia, por exemplo, escutando suas músicas se sentiam mais leves, mais tranquilos. Para todos, os Beatles puderam mostrar muitas coisas boas e ensinar muitas coisas para lidar com a rotina.

Entende-se, então, que tanto para os fãs da década de hoje quanto para os fãs da década de 1960, os Beatles influenciam muito a sua vida, assim se identificando com a banda e seus integrantes.

Cada um adquiriu uma identidade de beatlemaníaco, através dos sentidos que foram trazendo ao longo de sua vida.

Segundo Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007), “as manifestações culturais derivam da atividade humana conjunta, assim como as características singulares do sujeito, sendo social e historicamente constituídas.” (p. 106). Esse grupo definido como beatlemaníacos foi construído através de um contexto cultural, social e histórico, pois para os da década de 1960 era um momento em que era vivida aquela emoção, já os da década de hoje vêm uma influência histórica, que foi construída através dos anos, por todos que se intitularam beatlemaníacos na década de 1960.

Através da singularidade de cada um foi formando um grupo onde todos possuem uma identidade enquanto beatlemaníaco, porém isso não influencia por completo o seu modo de vida, mesmo sofrendo influências dos Beatles no seu cotidiano. Uma pessoa intitulada como beatlemaníaca pode ouvir outras músicas, conviver com outras pessoas e sofrer influências de outras coisas também, pois vivemos em uma sociedade onde trocamos relações a todo o momento com vários indivíduos diferentes. O entrevistado Lizjo, quando questionado se havia outra banda que lhe causasse um sentimento bom, disse:

Tem, tem, no caso seria Led Zeppelin, que é um outro quarteto muito foda também, que me causa assim, Pink Floyd também, é uma banda que me causa o mesmo sentimento assim, igual, de você ouvir uma música e se identificar e pensar na música, pensar na vida, é uma coisa que eu diria que seria uma droga sonora. (Lizjo, 20 anos).

Nesse sentido, segundo Bauman (2005):

Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade... Enquanto os sólidos têm dimensões especiais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la. (p. 8).

Observa-se que os sentidos que vão adquirindo através das experiências vividas vão dando forma à identidade do sujeito, podendo se modificar no decorrer de sua vida, sendo fixo ou preso a uma única identidade.

Identidade grupal beatlemaníacos

Segundo Silva e Miranda (2013), “tem-se o grupo enquanto um lugar privilegiado de produções, onde há influências mútuas entre os aspectos singulares e as múltiplas determinações sociais.” (p. 643). Para considerar como um grupo é necessário que possua

influências entre a singularidade de cada um, com as diversas influências do contexto social, onde ambas se misturam para que seja criada uma identidade grupal.

Nessa perspectiva, para os beatlemaníacos da década de 2010, era importante se encontrar com outros beatlemaníacos, pois podiam conversar sobre os Beatles, ouvir músicas da banda juntos, tocar músicas entre eles e discutir sobre assuntos relacionados à banda. Participavam de encontros com amigos beatlemaníacos, onde a intenção não era somente discutir sobre assuntos relacionados aos Beatles, mas também se divertir, ouvir músicas, tocar músicas e conversar. Esses encontros podem acontecer na casa de amigos, viagens, ou festas, como também em *shows* de bandas que se consideram *cover* dos Beatles.

Frequentemente, tenho bastante amigos meus que são beatlemaníacos até mais do que eu, que tem um conhecimento de beatlemania a mais tempo do que eu, que a gente já teve várias conversas. (Lizjo, 20 anos).

Consideram, eu, por exemplo, eu vou muito em show de banda cover deles e eu, teve esses tempos, sempre existia quatro ou cinco bandas covers que tinha Beatles Machine do saudoso Alfredo Amaral, é tem o Liverpoolgas, é tem a banda Lady B, que agora eu não sei eles podem voltar a ativa (risos). (Mário, 36 anos).

Muito! A gente conversa e a maioria dos meus amigos são músicos também, e os Beatles sempre surgem, porque eles são como uma bíblia musical pra gente, sempre que a gente tá em dúvida sobre se alguma coisa é boa ou não a gente pensa no que os Beatles fariam

(risos) são realmente um ícone, uma fonte de referência de bom gosto, mas a gente tá falando sempre sobre eles. (Rodrigo, 24 anos).

Já para os entrevistados da década de 1960, foi muito importante todos os encontros que tiveram, porém eram muito mais frequentes naquela época, onde todos se reuniam para ouvir e assistir aos filmes da banda The Beatles. Atualmente esses encontros não são tão frequentes, porém ainda quando se encontram lembram de momentos que passaram naquela época junto com seus amigos. Esses encontros se davam com mais frequência durante a década de 1960, onde todos se reuniam para frequentar festas, cinema e lugares que tocavam as músicas dos Beatles.

Sempre que possível, porque hoje é mais complicado devido a minha idade, mas sempre que possível sim. (Paula, 60 anos).

Mantendo contato através das redes sociais compartilhando, curtindo, enviando mensagens do que vemos e ouvimos dos Beatles. (Miguel, 62 anos).

Para Bauman (2005), a questão da identidade na modernidade líquida deve ser pensada como um problema de identidade, ou seja, é algo que não deve ser apenas pensado na esfera subjetiva, mas está intensamente ligado com o contexto social que a pessoa está inserida. No período moderno nasceu a ideia de identidade nacional ou coletiva, mesmo sendo

considerada por Bauman como algo “imposto”, “não natural”. Com todos os exageros da período moderno, o Estado explodiu, não suportando os impactos e o advento da globalização, criando uma ruptura com a identidade “fixa” para “fluida”. Assim, os indivíduos do período moderno líquido não se identificam mais com a estrutura do Estado moderno (instituições sociais), buscando hoje novas comunidades (beatlemaníacos, por exemplo). Nessas comunidades, os indivíduos podem se sentir pertencendo a uma nova identidade.

Em relação às novas identidades, Cugini (2008) aponta que se as novas comunidades, assim com Bauman analisa, não oferecem uma solução plausível para a formação substancial da identidade, do outro lado, o mundo líquido exige dos indivíduos uma contínua mudança de hábitos. A pós-modernidade oferece para os indivíduos um leque de propostas infinitas, que a humanidade nunca viu. Permanecer fixo, com uma identidade fixa, nesse mundo rápido e fluido, não é aconselhável. A liquidez exige dos indivíduos a capacidade de não se deixar identificar. Quem é identificado, é perdido. O anseio da identidade vem do desejo de segurança. Esse anseio pode ser positivo num mundo estável, mas, numa realidade em contínua mudança, não é uma perspectiva muito atraente.

Cugini (2008) também alerta para a questão da afetividade e da identidade:

A identidade pessoal não se constrói de forma isolada, mas na sociedade e, nela, os relacionamentos afetivos têm importância fundamental. Se, então, na sociedade líquida, é difícil formar uma identidade pessoal através de relacionamentos afetivos de qualidade, você tende a procurar a redenção na quantidade. (p.162).

Bauman (2005) afirma que, “se os compromissos, incluindo aqueles em relação a uma identidade particular, são ‘insignificantes’, você tende a trocar uma identidade, escolhida de uma vez para sempre, por uma ‘rede de conexões’.” (p. 36). Nesse sentido, para Neder (2012), “o que mantém coeso um grupo formado em torno de um gênero musical é mais do que uma mera apreciação de recursos estilísticos ou estéticos: um profundo processo psíquico está tendo lugar, e que é a própria (re)construção da identidade.” (p.178). Cada indivíduo tem um sentido e um significado para com a banda The Beatles, eles aplicam essas significações que são vividas para o seu bem-estar, como também adquirir sua identidade diante disso.

Segundo Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007), o significado engloba a dimensão coletiva, ou seja, as significações que são vividas coletivamente. O sentido, por sua vez, envolve o vivido de forma singular. Ambos são produzidos no contexto social, uma vez que é impossível descolar o sujeito de seus contextos. (p. 108).

Os entrevistados, quando estão reunidos, percebem que existe uma significação naquilo que estão presenciando, seja em *shows* de banda *cover*, *show* do Paul McCartney ou Ringo Starr, ou apenas quando se encontram com outras pessoas que se consideram beatlemaníacas. Através disso, constroem um sentido único e singular, que para cada um é de uma maneira diferente, porém os diversos sentidos caminham lado a lado, sendo influenciados pelo social onde vivem. Segundo Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007), “o sujeito existe e relaciona-se no todo das dimensões objetivas e subjetivas, que se entrecruzam, que se afirmam, que se formam uma na outra, que se negam, onde suas ações são sentidas, significadas.” (p. 108). O sujeito está inserido em um meio social onde através das ações dentro desse social trará para si um significado próprio, mesmo sendo uma relação objetiva, que é igual para todos, o sujeito carregará de forma subjetiva, singular e própria.

Segundo Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007), “o sentido requer e pressupõe que exista ‘relação’” (p. 109), ou seja, para haver um sentido, é necessário que o sujeito possua relações sociais. Como todo sujeito está inserido socialmente, o mais rápido e, digamos fácil, é que ele se aproprie de um grupo, onde possa se identificar com outras pessoas que se dizem como ele, ou que concorde com as mesmas ideias e gostos. As

identidades são produzidas por meio das socializações que a pessoa vai tendo ao longo de sua vida, o contexto social onde está inserida influencia muito em sua identidade.

Pode-se dizer que para cada sujeito a música é sentida e caracterizada de maneira diferente, todos os entrevistados possuem muita semelhança no que falam sobre a banda The Beatles, porém cada um atribui um sentido diferente para as músicas da banda. Como afirmam Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007):

a música tem significado para cada pessoa na medida em que se vincula à experiência vivida, passada e/ou presente, também em relação a um devir, e quando proporciona articular o vivido junto aos sentimentos e emoções à própria música. (p. 110).

Segundo Silva e Miranda (2013), “os grupos se caracterizam como lócus de contradições, propiciando vivências de dificuldades, momentos de apatia e constantes negociações.” (p. 642). Dessa forma, todos os entrevistados acreditavam que há uma diferença entre os beatlemaníacos da década de 1960 para os de hoje, sendo que isso se dá pelo fato da vivência que os beatlemaníacos da década de 1960 puderam ter, que presenciaram os próprios músicos tocando na TV e em rádios na época, em pleno auge da banda.

Eu acho que sim, eu acho que nos anos 60, muita gente, os Beatles eram um fenômeno realmente e muita gente gostou porque eles eram um produto que estava sendo muito comercializado na época. (Rodrigo, 24 anos).

Eu acho que nós fomos premiados, nós tivemos a oportunidade de saber que eles existiam, que eles poderiam vir, poderiam se reunir, que a gente ia gritar muito, dava histeria, dentro de um cinema quando se passava um filme o povo ficava histérico, então hoje, sem contar que não tem essa possibilidade. (Paula, 60 anos).

Segundo Silva e Miranda, “é em meio a este ambiente complexo e difuso que ocorre o processo de produção das identidades, de forma que as experiências grupais entram em confluência com aquelas subjetivas, em um movimento de constante metamorfose.” (2013, p.642).

Então toda essa diferença entre os beatlemaníacos da década de 1960 para os de hoje se dá por um grupo, produzindo a identidade de cada um através dessas experiências em grupo, se ligando necessariamente à subjetividade de cada sujeito, que por sua vez está ligado diretamente ao contexto social que viveu.

Como afirma Neder (2012), “a música – o gênero musical –, neste contexto, transmite poderosamente crenças e visões de mundo, contribuindo para a produção da subjetividade, constituindo-se em um discurso de uma comunidade.” (p. 178). Cada sujeito adquiriu para si uma visão da música e da banda em

si, onde se apropria de um sentido que trará para o seu modo de vida. Assim, automaticamente produzirá a sua singularidade diante de um coletivo; através da singularidade de cada um, o sentido de cada um, pode-se formar o significado para um grupo intitulado como beatlemaníaco.

A pós-modernidade traz consigo o marco do indivíduo, sensação de insegurança e rapidez. A identificação ou busca de identidade nos dias de hoje pode trazer o “sentido de segurança” num mundo de incertezas, firmar-se por muito tempo em algo, como um projeto a longo prazo. Nesse caso, considerar-se parte de um grupo de fãs pode ser arriscado, pois nesse contexto “fluido” a liquidez e a transição formam o novo sentido. Entretanto, a busca por um identidade, através de novas comunidades, pode dar a sensação de “segurança” em detrimento com o exagero de liberdade atual, caracterizando as novas identidades sociais.

Conclusão

Conclui-se que o fenômeno beatlemania influenciou e ainda influencia a vida dos jovens tanto da década de 1960 quanto da década de hoje. Esses jovens se identificam como beatlemaníacos, possuindo uma identidade grupal, trazendo para si a significação do que é ser fã dessa banda dentro do contexto social em

que está inserido. Essa identificação se dá pelo fato de que é necessário que todo sujeito tenha uma identidade para se sentir seguro e a banda exerce esse papel de dispositivo para que assim produza práticas discursivas e exerça o papel de produtora de identidades, formando o grupo denominado como beatlemaníaco.

Nos sujeitos pesquisados, produziu o sentimento de pertencimento a uma comunidade que vem influenciando os jovens da década de 1960, quando teve início a banda, até os dias de hoje. Pode-se dizer que essa banda se tornou uma forma de expressão para os jovens, tanto por sentir a música e trazer um sentido para ela, quanto também construir uma significação de ser fã. A banda The Beatles não ficou restrita apenas aos anos em que fizeram sucesso, acabou transpondo-se para as gerações atuais.

Nos dias atuais, a banda continua influenciando os jovens que se intitulam como beatlemaníacos, porém com a diferença de não existir o que era descrito pela mídia na época como intenso frenesi. Os jovens de hoje consideram como um gostar saudável, de admiração a uma banda que descreveram como muito influente para todos na década atual.

Existem diferentes significados e sentidos em ser um beatlemaníaco, pois estes estão relacionados ao contexto social em que viveu cada beatlemaníaco. A identidade de cada um foi produzida através desse meio,

das socializações que aconteceram no decorrer de suas vidas e assim foram adquirindo sentidos através das experiências que viveram.

O indivíduo pode ocupar-se de diversas posições de identidade, inclusive nas suas identidades musicais. Desse modo, um indivíduo que se considera como beatlemaníaco não é necessariamente aquele que escuta apenas músicas dos Beatles, mas sim aquele sujeito que através da banda e suas músicas possui um significado em ser, em sentir o sentimento que a banda lhe traz e o que influencia em sua vida. Então a banda juntamente com as suas músicas exerce um papel de produtora de sujeitos, pois através dessa

apropriação de cada entrevistado como beatlemaníaco surge um grupo e constantemente são criadas experiências diversas, facilitando o pertencimento a essa comunidade.

Para os jovens dos anos 1960, os Beatles modificaram a vivência de cada um, foi dado um sentido diferente à sua adolescência, pois viveram naquela época, com o calor do momento, e a apropriação se deu muito mais rápido do que na década de hoje. Atualmente, essa apropriação se deu por conhecer através de alguém a banda e fortaleceu através de amigos, grupos que se encontram constantemente e que possuem discursos e práticas similares.

Referências

- ARAÚJO, L. M. S. (2004). Música, sociabilidades e identidades juvenis: o manguebit no Recife (PE) In J. Machado Pais & L. Maria da Silva BLASS (orgs.), *Tribos urbanas: produção artística e identidades* (pp. 103-105). São Paulo: Annablume.
- BAUMAN, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BAUMAN, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BURROWS, T. (2012). *Tesouro dos Beatles: reviva os agitados anos 1960 dos FAB4*. São Paulo: Lafonte.
- CUGINI, P. (2008). Identidade, Afetividade e as mudanças relacionais na modernidade líquida na teoria de Zygmund Bauman. Recuperado de www.fsba.edu.br/dialogospossiveis
- DREYFUS, H., & RABINOW, P. (1995). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, M. (1999). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- GARCIA, L. H. A. (2011). Em meus olhos e ouvidos: música popular, deslocamento no espaço urbano e a produção de sentidos em lugares dos Beatles. *Estudos Históricos*, 24(47), 99-118.
- HALL, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- HINKEL, J., & MAHEIRIE, K. (2011). Apropriação musical: a arte de ouvir rap. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 16(3), 389-398.
- KRÜGER, C. (2010). Impressões de 1968: contracultura e identidades. *Acta Scientia Human and Social Sciences*, 32(2), 139-145.
- LIMA FILHO, I. P. (2010). *Em tudo o que eu faço, eu procuro ser muito rock and roll: Rock, estilo de vida e rebeldia em Fortaleza*. (Tese de doutorado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza).
- MAFESSOLI, M. (1987). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- NEDER, A. (2014). O coletivo anônimo e a trama dos gêneros: subjetivações plurais e intertextualidade no Brasil dos anos 1960. *Per Musi*, Belo Horizonte, (30), 178.
- PAIVA, V. A. (2012). Dimensão psicossocial do cuidado. In V. Paiva, J. R. Ayres, & C. M. Buchalla (orgs.), *Vulnerabilidade e direitos humanos: prevenção e promoção de saúde* (Livro II, pp. 41-72). Curitiba: Ed. Juruá.

- PEREIRA, A. C. (1992). O que é contracultura. São Paulo: Brasiliense.
- PONTAROLO, F. (2009). Protesto, crítica social e a influência do rock'n'roll na música popular brasileira do pós-guerra. VOOS Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade de Guairacá, 1, 135-147.
- SANTOS, G. L. (2006). Sons das Tribos—compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre).
- SILVA, C. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a Pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. Organ. Rurais Agroind, 7(1), 70-81.
- SILVA, E. (2010, 9 de maio). Febre da beatlemania continua ainda nos dias de hoje! The Beatles College. Recuperado de <http://beatlescollege.wordpress.com/2011/05/09/febre-da-beatlemania-continua-ainda-nos-dias-de-hoje/>
- Veja (1964, fevereiro). Beatlemania! Veja. Recuperado de <http://veja.abril.com.br/historia/beatles-beatlemania-1964/show-ed-sullivan-tv-conquista-america.shtml>
- VIEIRA-SILVA, M., & MIRANDA, S. F. (2013). Poder e identidade grupal: um estudo em corporações musicais da Região das vertentes. Psicologia & Sociedade, 25(3), 642-652.
- WAZLAWICK, P, CAMARGO, D., & MAHEIRIE, K. (2007). Significados e sentidos da música: uma breve “composição” a partir da psicologia histórico-cultural. Psicologia em Estudo, 12(1), 105-113.